**APRESENTAÇÃO**

Sonia Alberti

Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

Uma nova preocupação ganha cada vez mais força nos últimos dois anos de reuniões da Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, que se realizam na cidade do Rio de Janeiro: como levar o nosso debate para a comunidade de psicanalistas, de estudantes e de profissionais a fim? Várias propostas surgiram e, entre elas, a de um livro que pudesse esclarecer e motivar um interesse para, por que não, ajudar a promover no futuro um possível fórum das entidades psicanalíticas brasileiras em torno do tema em discussão, aberto aos membros dessas entidades e ao público em geral.

A Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras é um movimento criado em 2000, visando defender a psicanálise tal como Sigmund Freud a conceituou, diante dos campos de poder – tanto econômico, quanto político – estabelecidos no final do século XX, a fim de garantir à psicanálise em nosso país um espaço no qual ela possa seguir crescendo e se consolidando de acordo com sua ética genuína, sua relação particular com a ciência e sua eficácia que, nem sempre se reduz à terapêutica. Como poderá ser lido nos primeiros textos dessa coletânea, a Articulação já tem uma história, além de conquistas que poderão parecer pequenas, mas que foram de monta, fruto de grande trabalho e investimento tanto das entidades aqui representadas, quanto de alguns de seus membros que participaram e/ou participam presencialmente do movimento. As entidades que constituem a Articulação são necessariamente de formação de psicanalistas, o que não impede que outras instituições que não têm tal visada possam se interessar pelo movimento, assinar seus manifestos a convite da Articulação caso com eles se identifiquem, e apostar no seu sucesso, vindo em nosso auxílio a cada vez que isso for preciso. Ao mesmo tempo, as entidades psicanalíticas que compõem a Articulação se reconhecem como instituições de formação de psicanalistas, o que por si só já é um enorme avanço na história da psicanálise tendo em vista o fato de que ela é também a história de inúmeras rupturas. Um movimento de entidades psicanalíticas que podem se encontrar para debaterem juntas em defesa da psicanálise é alvissareiro. Que aqui ele tenha surgido de uma necessária afinidade encontrada entre as entidades cujas relações até então foram, na sua maioria, bastante difíceis, e cujas diferenças as fundamentam tal como a falta fundamenta o desejo, já é sem dúvida, um de seus grandes sucessos! No início, isso talvez não teria sido possível sem a participação tanto do Conselho Federal de Medicina, quanto do Conselho Federal de Psicologia que se interessaram em sua constituição, mas em relação aos quais a Articulação é hoje independente, com uma autonomia que às vezes implica opiniões divergentes e questionamentos.

Como se poderá ler nos textos de Wilson Amendoeira, da Federação Brasileira de Psicanálise – instituição que reúne as diferentes sociedades da IPA no Brasil –, e no texto de Edson Lannes, um dos membros fundadores do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, não é de hoje que psicanalistas percebem, na pólis, a necessidade de vir a público defender o lugar da psicanálise no mundo. De uma certa forma, isso faz parte da história da psicanálise desde sua origem e por isso esses textos constituem o início do livro: eles historizam e contextualizam na história o movimento da Articulação. Tanto no mundo, quanto mais particularmente no Brasil, sempre houve momentos em que foi necessário retomar os fundamentos que especificam e particularizam a psicanálise em relação a todos os outros campos de saber e de prática, numa luta vigilante pela singularidade de seu discurso e do poder que dele emana, de forma que nem questões econômicas, nem de raça ou de credo, nem mesmo ditaduras aniquilassem os anos de trabalho obtidos pela contribuição de cada psicanalista que suportou assumir esse lugar a partir de sua própria relação com a causa freudiana.

O que motivou, em 2000, a criação desse movimento da Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras foi mais uma vez um feroz ataque que o discurso da psicanálise começava a sofrer: No mundo, vinha de inúmeros projetos de lei por uma regulamentação da psicanálise tendo em vista, sobretudo, a política da saúde subvencionada pelo Estado, no Brasil, com uma particularidade a mais – o impressionante ataque de instituições que deturpam completamente os conceitos da psicanálise, em cursos e programas de treinamentoos, como é o caso, por exemplo, de alguns grupos dos hoje chamados “novos evangélicos”. O texto de Maria Ida Fontenelle (Associação Psicanalítica de Porto Alegre e Percurso Psicanalítico de Brasília) e de Vania Otero (também do Percurso Psicanalítico de Brasília) é um curto relato do que foi até hoje a atuação da Articulação das Entidades Psicanalíticas junto à Câmara dos Deputados, das dificuldades que tivemos e dos apoios também.

Maria Mazzarello Cotta Ribeiro e Anchyses Jobim Lopes, ambos do Círculo Brasileiro de Psicanálise, tiveram o cuidado de rever todas as atas de nossas reuniões e fazer um texto através do qual o leitor tivesse uma pequena idéia das questões em debate nesses oito anos de Articulação. Não se trata de um resumo das atas mas do resultado de uma leitura delas, discutida por ambos os autores para trazer a público o teor de nossas preocupações, as dificuldades encontradas ao longo desses anos e os avanços que julgamos ter realizado. O paradigma desses avanços são os dois manifestos que pudemos publicar, cada um em um momento preciso do movimento, ou seja, em épocas distintas mas ambas de grande dificuldade. Pela primeira vez na história da pluralidade das instituições psicanalíticas foi possível escrever e publicar dois textos assinados por uma grande gama de entidades psicanalíticas, como se poderá verificar no início do “Apêndice” deste livro. Nele se encontram: 1) os dois “Manifestos”, datados e a lista dos que os subscreveram; 2) o texto de Freud que fundamenta ambos os “Manifestos” e que apresentamos integralmente, em sua tradução – feita por Eduardo Vidal da Escola Letra Freudiana – que inclui o trecho inédito, o “Pós-escrito de 'A análise leiga'” (1927); 3) a tradução de uma entrevista a uma revista francesa, surpresa com a possibilidade de uma articulação como a nossa conseguir se realizar, e 4) a lista dos e**ventos nos quais houve um espaço para a apresentação do nosso trabalho, realizados por instituições da Articulação e/ou instituições amigas, que se interessam pelo sucesso do nosso movimento.**

**Entre as circunstâncias da criação e os diferentes momentos da Articulação, referidos na primeira parte dessa coletânea, e o seu apêndice, com o texto que a fundamenta e aqueles que ela já conseguiu produzir, vocês encontrarão uma segunda parte do volume na qual são discutidas as questões da atualidade frente às quais a psicanálise não pode se furtar se ela quiser manter um espaço na pólis. Para apresentar tais questões, foi feito um trabalho quase hercúlio de diálogos entre entidades psicanalíticas. As posições dos autores aqui representando cada um sua instituição, no meu caso a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, não são necessariamente concordantes, mas o esforço feito testemunha de um interesse em dialogar com colegas de outras instituições, ao mesmo tempo em que ele demonstra que há pontos que se precisam a cada discussão; a psicanálise exige certas tomadas de posição! Dentre elas, a mais importante: toda psicanálise é leiga. É porque há pontos sobre os quais não há discussão que a Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras persiste após oito anos de trabalho em conjunto, sem ser instituição mas um movimento pronto a entrar em ação, pronto a tomar posição a cada vez que se perceber que conjunturas que extrapolam a psicanálise colocam em perigo o lugar dela no mundo.**

**Com efeito, a “Análise leiga” é, por si só um texto escrito para defender tanto o psicanalista Theodor Reik – como já no início dessa segunda parte observam os textos da Escola Letra Freudiana e da Escola Lacaniana de Psicanálise – quanto a psicanálise tal como a queria Freud. Era “no seu rigor e em sua submissão à verdade que [Freud] ancorava sua corajosa determinação crítica, mais do que em paixões ideológicas ou libelos panfletários, em cuja permanência e efetividade ele pouco acreditava” observa o texto de Luciano Elia, do Laço Analítico Escola de Psicanálise. Como escrevem os autores da Escola Lacaniana de Psicanálise, Freud sabia que ao longo da história as hostilidades contra a psicanálise se repetiriam, de forma às vezes mais velada, outras vezes, de forma mais evidente e que “qualquer tentativa de regulamentação da psicanálise que venha de fora a deixará num futuro sombrio e fatal”.**

**Por isso julgamos importante introduzir também nessa coletânea a definição do campo da psicanálise em relação ao da ciência, da religião e mesmo da filosofia – como acrescenta o texto da Práxis Lacaniana/Formação em Escola: apesar de se fundar em associação com a ciência e compartilhar com ela a *Weltanschauung*, a psicanálise privilegia uma outra relação com a verdade – sempre transitória, mas intrínseca, como se vê até mesmo especificado para a psicanálise no Código Brasileiro de Ocupações (cf. o texto de Edson Lannes). A verdade é debitária do que aqui é identificado ou como “fenda” (pela Práxis Lacaniana/Formação em Escola), ou como “rachadura ética” (pelo texto da Escola Brasiliera de Psicanálise), dois termos que se articulam à questão freudiana do mal estar na cultura. Problematizada nos dois textos de forma semelhante quanto à relação da psicanálise com a ciência, a intrincação da questão freudiana do mal estar na cultura com a religião é abordada de duas formas: de um lado, a psicanálise vai na contramão do culto ao Pai (Práxis Lacaniana/Formação em Escola), de outro, se há total incompatibilidade entre tratamento analítico e religião, Romildo do Rêgo Barros – da Escola Brasileira de Psicanálise – sugere possíveis intersecções entre a *Weltanschauung* da igreja católica e a contribuição freudiana, de modo que há muito o que aprofundar sobre o debate entre psicanálise e religião.**

**Uma das questões que ocuparam inúmeras reuniões da Articulação diz respeito aos problemas da relação entre psicanálise e psicoterapias. O texto redigido pelo Tempo Freudiano Associação Psicanalítica demonstra como as psicoterapias necessariamente implicam uma clínica em que o paciente deve estar referido a um modelo – por mais aberto que seja esse modelo – e diante do qual o “psicoterapeuta é o guardião, o guia, o mestre” de um saber. Como escreve o Departamento de Formação em Psicanálise do Sedes Sapientiae, em São Paulo: “A análise buscada como modo de cumprir regras de formação conduz a uma análise burocrática e desvitalizante que, mais uma vez, significa o fim da Psicanálise. Isto posto não significa ignorar as dificuldades que cada uma das instituições enfrenta para levar o processo de formação a dar como resultado um analista. Evidenciar as dificuldades é um passo adiante, regulamentar para evitá-las é um passo atrás”. As dificuldades emanam da própria relação já apontada por Freud entre transferência e resistência e se na “clínica psicanalítica o saber está do lado do inconsciente” (Tempo Freudiano Associação Psicanalítica), o terapêuta só o é por transferência, na realidade esvaziado de qualquer saber. Há então um ponto de impossível na relação da psicanálise com as psicoterapias, a psicanálise não podendo ser simplesmente mais uma dentre elas, mesmo se às vezes o tratamento com um psicanalista possa ter apenas uma eficácia terapêutica. É na realidade por causa da transferência que a psicanálise não tem como ser regulamentada!**

**E é também por causa da transferência – mola mestra do tratamento psicanalítico – que surge toda polêmica sobre as relações entre psicanálise e universidade. É o último tema dessa coletânea, discutindo o ensino da psicanálise, a formação do psicanalista e as diferentes incursões das articulações epistemológicas que disso decorrem. O Centro de Estudos Lacanianos, o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e o Corpo Freudiano Escola de Psicanálise enriquecem essa coletânea com um verdadeiro debate sobre a psicanálise na universidade, questão que não deixa de ser polêmica para muitos psicanalistas! Se para uns não se justifica na universidade “o ensino de temas como, por exemplo, diagnóstico e tratamento das estruturas clínicas, pois, para a efetiva transmissão dos mesmos tornam-se necessários os pré-requisitos transferenciais básicos” (cf. Rita Mendonça, do Centro de Estudos Lacanianos), outros permitem levantar a questão sobre se é possível que o ensino da psicanálise na universidade tem algum poder de desvirtuar a psicanálise já que não é possível, de todo modo, investigar psicanaliticamente uma questão fora do âmbito “puramente formativo que se processa no interior de uma análise e da supervisão” (cf. Ana Sigal, Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae). Distinguir a formação do analista e o ensino da psicanálise na universidade seria, portanto, *a priori*. Ponto de vista compartilhado por Denise Maurano, do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise que lembra como Jacques Lacan já respondia a essa questão em seu tempo: “quando perguntado sobre por que, ao final do ensino que recebem, [os estudantes do seu curso] não poderiam tornar-se psicanalistas, responde que 'a psicanálise não se transmite como qualquer outro saber'. Não porque a psicanálise não tenha nada a saber ou seja avessa à questão do saber, mas porque ela põe em questão a função mesma do saber, a função do saber para o sujeito e para a sociedade”. De modo que, talvez, a própria psicanálise tenha uma função também na universidade, a de relativizar a própria questão do saber. Nos darmos conta disso não seria também contribuirmos para a defesa de um espaço da psicanálise na pólis?**

**Este livro é produto de muito trabalho e de muito investimento das pessoas e das entidades que compõem a Articulação. Como se pode ler no texto que a Escola Letra Freudiana assina, o que nos une entre entidades é constituído, por um lado,** “pelos princípios enunciados por Freud em seu texto, e o respeito aos conceitos fundamentais da Psicanálise, como a Pulsão, O Inconsciente, a Transferência, a Libido e a Repetição. [Por outro lado, pela disposição] a pagar o preço de trabalhar com esta orientação mínima e se ancorando nela para abrigar a diferença e a alteridade, renunciando à Unidade Ideal”.

Finalmente, este livro é também a tentativa de justificar a tomada de posição dentro da Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras de que não há vigília para garantir um espaço à psicanálise no mundo que não inclua nela a luta pela não regulamentação da psicanálise pelo Estado ou por quaisquer órgãos, na medida em que a psicanálise, desde Freud, só se sustenta em duas regras: a da associação livre, por parte do analisando, e a de se abster como sujeito, por parte do psicanalista. É provável que a tentativa que fazemos aqui para justificar essa tomada de posição levante novas questões que poderiam ser aprofundadas num fórum em nível nacional.

Nossa coletânea é composta por textos de psicanalistas que têm, cada um, seu estilo. Não esperem encontrar o desenvolvimento linear de idéias em capítulos; trata-se de uma coletânea de textos, produtos de trabalhos realizados dentro das instituições psicanalíticas mas em interseção com a elaboração de oito anos de debates na Articulação. São relatos de uma prática, a da psicanálise na sua relação com outros discursos e a do trabalho da psicanálise pelo seu lugar no mundo, no início de um novo milênio que, insistimos, pode contar com ela pelo que nós, psicanalistas, nos fazemos aqui também responsáveis.